

Luis Antonio Muñoz

A PARTITURA DA RAINHA

Bárbara de Bragança e a música

Tradução de
Eurico Monchique

a esfera  dos livros

COMO LER E ESCUTAR ESTE LIVRO

É com muita emoção e entusiasmo que lhe digo que aquilo que tem nas suas mãos é o resultado de um processo de descoberta que, para mim, se revelou fascinante assim que comecei a documentar-me acerca da figura de Bárbara de Bragança. Ao trabalhar sobre a personagem e no contexto histórico, fui-me apercebendo de que é imenso o desconhecimento no que toca a alguns dados da sua biografia. Imprecisões e erros que notei em documentos antigos, num ou outro artigo científico, e até em alguns museus importantes, tanto em Espanha como em Portugal. Trata-se de um período da História de Espanha que se revela especialmente obscuro, quando comparado com os reinados posteriores a Carlos III. As razões deste processo apresentam uma certa lógica. A primeira é que, neste período, este país se manteve neutro face ao cenário dos conflitos bélicos na Europa Central, algo que, longe de ser algo positivo, foi visto e utilizado como um sintoma de fraqueza política. A segunda razão aproxima-se mais do lado pessoal, pois tanto Bárbara como Fernando foram apagados da nossa História pelo prolongamento no tempo da influência de Isabel de Farnésio. Muito especialmente nos maus-tratos sofridos por Bárbara na sua condição de rainha «estrangeira», ao que se tem de somar o julgamento póstumo da sua fealdade, da sua gordura e da sua mesquizez, argumentos mais que discutíveis, por serem injustos e inexatos.

Na minha opinião, a verdadeira ostracização de Bárbara provém da sua incapacidade (ou da de Fernando, é bom não o esquecermos) de dar

um herdeiro à Coroa de Espanha. Esta limitação, tão mal tratada pela medicina da época, foi nefasta para a imagem dos reis e desencadeou a linha sucessória de Isabel de Farnésio. Isabel tinha os seus motivos, enquanto rainha e mãe, para afastar Fernando e Bárbara, com toda a sua argúcia, e colocar a sua prole à frente das outras que a precederam. Reconheço que ficaria muito feliz se este livro servir para reivindicar a importância desta rainha, que como mulher passou quase despercebida na História de Portugal e que foi injustamente repudiada em Espanha. Também ficaria encantado se pudesse contribuir de alguma forma para a descoberta de alguma das suas composições, o que se revelaria como a descoberta de um pequeno tesouro do património musical espanhol, devido ao seu interesse musicológico.

A leitura deste romance baseia-se em três planos. Por um lado, a última viagem que Bárbara de Bragança realizou à cidade de Aranjuez, para enfrentar a sua morte, e durante a qual se vai despedindo de vários personagens, como o seu leitor de livros de Filosofia e História, Blas Carruez, e o seu professor de música, Domenico Scarlatti. O segundo plano é o da própria biografia da rainha e dos acontecimentos que rodearam toda a sua vida, desde o seu nascimento e o seu período de apogeu até à sua fase de decadência juntamente com Fernando VI. É uma biografia que se revela através das suas recordações e das suas conversas, através da correspondência que manteve com os seus pais. E a terceira linha é formada por uma série de sonhos que surgem narrados a partir de uma perspectiva «jungiana», mostrando arquétipos e símbolos num espaço atemporal. Neste pequeno universo, a sua leitura convida os leitores a deixarem voar a sua imaginação, buscando ligações, significados e referências com a narração da vida real da rainha Bárbara ou das suas personagens.

Mas, sobretudo, este é um romance sobre o valor da arte e da música, que na biografia histórica de Bárbara é, simplesmente, essencial. Não é por acaso que serão três músicos – Farinelli, Scarlatti e Porretti – que vão receber, em diferentes formas e quantidades, parte da herança do testamento da rainha. E precisamente por este ser um romance histórico em que a música tem tanta importância, elaborei uma lista de reprodução na qual é possível escutar os diferentes exemplos que aparecem citados no texto.

Pretendo facilitar ao leitor a ilustração sonora da sua leitura, para que, se assim o desejar, possa criar o seu próprio mapa emocional. Nos meus livros anteriores – *A História Oculta da Música* e *Homo musicalis*, utilizei um sinal e uma nota de rodapé para assinalar a audição recomendada. Neste caso, e para não distrair do decorrer da leitura, fá-lo-ei colocando ao lado de cada obra citada um asterisco*.

A lista das músicas está disponível, sob o título de «La partitura de la reina», no canal do YouTube:

HistoriaOcultadelaMúsica

e aqui pode aceder a ela mediante este código QR:



LISTA DE PERSONAGENS

Indico a seguir uma breve biografia das personagens, para tornar mais acessível a leitura do romance aos leitores. Algumas delas apresentam uma ligação direta com a narrativa; outras, de nível secundário, surgem para melhor se poder entender o contexto económico e social em que se desenvolvem os acontecimentos narrados.

BÁRBARA DE BRAGANÇA (1711-1758). Foi uma infanta portuguesa, filha de D. João V de Portugal e D. Maria Ana de Áustria. Bárbara contraiu matrimónio em 1729, na cidade de Badajoz, com o então príncipe das Astúrias, Fernando VI. Não teve filhos. A música foi para a rainha uma forma de escape das suas preocupações diárias, uma expressão íntima dos seus sentimentos mais pessoais. Mas seria também um recurso essencial na sua educação e na sua capacidade de relacionamento social, tanto como mulher, como infanta e futura rainha de Espanha. Cravista de notáveis recursos técnicos e expressivos, Bárbara de Bragança terá inspirado a criação da maior parte das sonatas de Scarlatti, fascinantes microcosmos dos universos musicais ibéricos e internacionais que a rodearam. Os relatos da época fazem referência aos seus dotes de compositora, à sua destreza na dança e à sua vasta cultura, bem como às suas valiosas coleções de instrumentos de teclas (cravos e pianofortes), de livros, partituras e libretos, todos eles herdados por Farinelli.

DOMENICO SCARLATTI (1685-1757). Compositor napolitano que foi organista da Real Capela de Nápoles e mestre de capela na Catedral de São Pedro em Roma. Com a idade de 35 anos, foi contratado por D. João V de Portugal como professor das suas filhas. Em 1728 regressou a Roma, onde casou com Catalina Gentili, com quem terá cinco filhos. Quando Bárbara de Bragança contraiu matrimónio com Fernando VI, Domenico permaneceu como seu professor na corte espanhola, até ao final dos seus dias. A sua fama deve-se às quase seiscentas sonatas de sua autoria, que se conservaram graças à sua mais insigne aluna.

FERNANDO VI (1713-1759). Cognominado *o Prudente* ou *o Justo*, foi rei de Espanha de 1746 até à sua morte. Foi o terceiro filho de Filipe V e da sua primeira esposa, Maria Luísa Gabriela de Saboia. Casou, na Catedral de São João Batista, em Badajoz, com Bárbara de Bragança, em 1729.

FILIPPE V (1683-1746). Rei de Espanha, foi o primeiro monarca da dinastia Bourbon em Espanha. A sua subida ao trono espanhol, após a morte de Carlos II sem descendência, provocou a Guerra de Sucessão, que terminou com o Tratado de Paz de Utrecht em 1713, que o confirmou no trono. Casou em primeiras núpcias com Maria Luísa de Saboia, e em segundas com Isabel de Farnésio. A nível económico, impôs regras protecionistas; a nível político, conseguiu a Toscana, Parma e Piacenza para o infante Dom Carlos; a nível cultural, durante o seu reinado foram criadas a Real Academia Espanhola e a Real Academia de História. Foi pai de três reis de Espanha: Luís I, Fernando VI e Carlos III.

ISABEL DE FARNÉSIO (1692-1766). Rainha consorte de Espanha enquanto segunda esposa de Filipe V, foi uma aristocrata italiana e mãe de Carlos III. Após a morte de Maria Luísa de Saboia, sua antecessora no trono espanhol, casou com o rei viúvo, sobre quem exerceu grande influência. Deste casamento nasceram sete filhos, o mais velho dos quais reinou em Espanha após a morte de Fernando VI, com o

título de Carlos III. Mulher ambiciosa e de forte caráter, expulsou do país a princesa dos Ursinos e cultivou intrigas até alcançar todos os seus objetivos. Depois da morte de Filipe V, foi exilada, por Fernando VI, para o Real Sítio da Granja de Santo Ildefonso, por ter difamado a rainha Bárbara de Bragança, sua nora.

ANA MARIA DE LA TRÉMOILLE (1642-1722). Viúva do príncipe de Orsini (daí princesa dos Ursinos). Após a morte do marido, foi indicada pela corte francesa para camareira da rainha Maria Luísa Gabriela de Espanha, com quem manteve uma longa e profunda amizade, bem como com o seu esposo, Filipe V. Personagem intrigante, sagaz, inteligente e com inclinação para a política, foi muito querida pelos reis de Espanha e muito detestada pelos espanhóis, devido a esse mesmo ascendente sobre os seus soberanos.

CARLO BROSCHI, Farinelli (1705-1782). Foi um cantor napolitano que foi castrado para preservar a sua voz. Rapidamente se tornou famoso em Itália, cantando em Roma, Milão e Veneza. Passou alguns anos na corte britânica e também na francesa, até que a sua crescente fama chegou aos ouvidos de Isabel de Farnésio, que o chamou para a corte espanhola, onde lhe foi concedido um contrato. Após a morte de Filipe V, Fernando VI e Bárbara de Bragança mantiveram-no ao seu serviço, nomeando-o diretor dos teatros e festividades. Estava entre os elementos do seu círculo mais íntimo.

D. JOÃO V (1689-1750). Rei de Portugal. Pai de Bárbara de Bragança. Chamado «o Rei-Sol» português, por causa da magnificência do seu reinado e pela inclinação por tudo que fosse francês. Também conhecido como «o Magnânimo» e como «o Freirático», pela sua apetência pelas monjas, com quem teve filhos ilegítimos fora do seu casamento com Maria Ana Josefa de Áustria. O seu reinado baseou-se nas riquezas extraídas das minas de prata e ouro do Brasil. Patrocinou a construção do Palácio/Convento de Mafra, cujas obras se iniciaram em virtude de uma promessa do rei após o nascimento de Bárbara de Bragança.

MARIA ANA JOSEFA DE ÁUSTRIA (1683-1754). Rainha de Portugal e esposa de D. João V. Era filha do imperador Leopoldo I. Teve cinco filhos com o rei. A sua primogénita, Bárbara de Bragança, casou com o herdeiro da Coroa de Espanha, Fernando VI. Era uma mulher culta e habilidosa na política e, devido à doença do seu marido, viu-se obrigada a assumir a regência em duas ocasiões. Teve de suportar as infidelidades do rei.

MARIA LUÍSA GABRIELA DE SABOIA (1688-1714). Filha do rei da Sardenha, Amadeu II. Casou aos 13 anos com Filipe V de Espanha. Foi mãe de dois reis, Luís I e Fernando VI de Espanha. Mulher inteligente e decidida, ajudou o seu esposo na Guerra de Sucessão espanhola. Morreu quatro meses após o nascimento de Fernando VI, deixando Filipe V afundado em tristeza, tal como os seus súbditos espanhóis, por quem foi muito estimada.

LUÍS ANTÓNIO DE BOURBON E FARNÉSIO (1727-1785). Foi infante de Espanha, sexto filho de Filipe V e da sua segunda mulher, Isabel de Farnésio, duquesa de Parma. Exerceu a carreira eclesiástica e foi cardeal-arcebispo de Toledo e primaz de Espanha (1735) e arcebispo de Sevilha (1741). Abandonou o estado eclesiástico em 1754, tornando-se, em 1761, no 13.º conde de Chinchón. Foi um grande mecenas, apoiando pintores como Francisco de Goya e Luis Paret, e o músico Luigi Boccherini.

JEAN RANC (1674-1735). Pintor de câmara. Retratista barroco. Trabalhou nas cortes de Luís XV e Filipe V. Faleceu meses após o incêndio do Palácio Real de Madrid, que se iniciou nos seus aposentos.

LOUIS-MICHEL VAN LOO (1707-1771). Pintor francês contratado pelo rei Filipe V para suceder a Ranc como pintor de câmara da corte espanhola. Foi o primeiro diretor da Academia de Belas-Artes de São Fernando. Como pintor, revelou-se especialista no retrato psicológico e em colocar os seus modelos em cenários correspondentes à sua importância social.

DOMINGO CAPECELATRO (finais do século xvii). De origem italiana, foi nomeado por Filipe V como embaixador extraordinário junto do rei de Portugal em 1716. Tomou parte nas negociações que conduziram aos matrimónios hispano-portugueses de 1729 e teve de incorrer em elevadas despesas. Como recompensa, foi-lhe concedido um lugar no Conselho das Índias. Devido a um grave incidente que opôs o embaixador português em Madrid e o governo espanhol (20 de fevereiro de 1735), os dois diplomatas tiveram de se retirar, cruzando a fronteira a 11 de abril. Após vários meses de negociações sob mediação de França, um convénio restabeleceu as relações entre os dois reinos (15 de maio de 1737).

D. RODRIGO ANES DE SÁ ALMEIDA E MENESES (1676-1733). O marquês de Abrantes desfrutou de uma grande projeção internacional durante a primeira metade do século xviii, ao serviço do rei D. Pedro II e do seu filho D. João V. Teve um papel importante na troca das princesas em 1729.

BLAS CARRUEZ (meados do século xviii). Conselheiro de Fernando VI e secretário honorário do Conselho Real. Quando a agenda dos reis lhe permitia, dedicava parte do seu tempo a ler com a rainha Bárbara importantes obras e a comentá-las com total liberdade. A rainha deixou-lhe, em testamento, 30 000 reais de cobre e prata em dinheiro por a ter servido: «Com muita satisfação, lendo-me os meus livros devotos, espirituais e históricos.»

JOSEFA e FRANCISCA GAMA (meados do século xviii). Irmãs e camareiras de confiança da rainha Bárbara. Não foi possível recolher muitos dados sobre elas, mas, através da documentação, sabemos que eram portuguesas e que a acompanharam desde a sua chegada a Espanha, após a troca de princesas. Embora não sejam tão conhecidas como as nobres que estavam ao serviço de Bárbara, podemos assumir que Josefa e a sua irmã eram muito estimadas pela rainha. Confiava plenamente nelas, como fica provado pelo seu testamento, em que

deixou a ambas a quantia de 3000 dobrões, maior até do que aquela que foi deixada ao próprio Scarlatti. Algo semelhante aconteceu com Maria Ventura. Além disso, pediu ao rei Fernando garantias de que, no caso de ambas quererem entrar para um convento ou regressar a Portugal, a Coroa lhes ofereceria tudo que lhes fosse necessário.

LISTA DE PERSONAGENS SECUNDÁRIAS

LUÍS I DE BOURBON (1707-1724). Rei de Espanha. Filho mais velho de Filipe V e da sua primeira esposa, Maria Luísa de Saboia. Quando tinha 16 anos, o seu pai abdicou a seu favor. Acabara de completar 17 anos quando morreu. Diz-se que foi um dos filhos mais amados do rei Filipe V. Embora já estivesse casado com a princesa francesa Luísa Isabel de Orleães, não teve descendência, pelo que, aquando da sua morte, o seu pai voltou a reinar. A rainha viúva, de 14 anos, foi devolvida a França.

MARIANA VITÓRIA DE BOURBON (1718-1781). Infanta de Espanha. Filha de Filipe V e Isabel de Farnésio, desposou, aos 4 anos, Luís XV de França, que a devolveu à corte espanhola, devido à necessidade de assegurar rapidamente a sua descendência. Posteriormente, casou com D. José, herdeiro da Coroa portuguesa. Através deste casamento, foi rainha de Portugal e do Brasil.

FRANCISCO RÁVAGO (1685-1763). Jesuíta, confessor real de Fernando VI de 1747 até à sua demissão em 1755. Defensor das reduções jesuíticas no Paraguai. Amigo do marquês de Ensenada, teve de abandonar o seu cargo após a queda do ministro.

JOSÉ DE CARVAJAL Y LANCASTER (1698-1754). Político espanhol, ministro de Fernando VI. Tímido e reservado, trabalhador incansável, diz-se que saía do seu gabinete já de madrugada. Foi secretário de Estado de 1746 até à sua morte e também presidente da Junta de

Comércio e do Conselho das Índias. Amigo de Francisco Rávago, a sua nomeação correu paralela com a do jesuíta para novo confessor real. Entre as duas potências europeias, Inglaterra e França, Carvajal inclinou-se para a primeira, se bem que, no momento em que os dois países disputavam a aliança espanhola, tenha sido um defensor da neutralidade a todo o custo. Após a sua morte, sucedeu-lhe no cargo o duque de Huéscar.

JOSÉ PATIÑO (1666-1736). Político de grande talento nascido em Milão e que, no reinado de Filipe V, chegou a ser presidente do Tribunal de Contratação, intendente-geral da Armada Espanhola, ministro da Fazenda, das Índias, da Marinha e da Guerra, e até primeiro-ministro. Fundou a Academia Naval, construiu arsenais (como os de Ferrol e Cartagena) e barcos que obtiveram vitórias como a de Orá ou a que, em 1734, colocou o infante D. Carlos no trono de Nápoles.

BENITO JERÓNIMO FEIJOO Y MONTENEGRO (1676-1764). Polígrafo espanhol, nascido em Casdemiro (Orense), que professou na Ordem de São Bento e estudou em Salamanca. Na sua vasta atividade literária, resultado de uma notável inteligência, aprofundou campos diversos como a astronomia, a teologia, a medicina, a matemática e as ciências sociais. Foi nomeado por Fernando VI como seu conselheiro pessoal, apesar do seu espírito crítico e independente. Escreveu obras enciclopédicas como *Teatro Crítico Universal* ou *Cartas Eruditas*. Foi apelidado de o «Voltaire espanhol».

RICARDO WALL (1694-1777). Militar, embaixador e ministro de Fernando VI. De origem irlandesa. Travou amizade com Fernando de Silva y Álvarez de Toledo, duque de Huéscar (a partir de 1755 duque de Alba). Em 1752 fez uma breve visita a Espanha, onde obteve, apesar das conspirações francesas para o substituir por Grimaldi, a promoção a tenente-general e embaixador. Wall sucedeu, de forma surpreendente, a Carvajal em 1754, após a morte daquele, a 8 de abril. Imediatamente a seguir participou num complô contra o marquês de

Ensenada, organizado por Huéscar e Benjamin Keene, conseguindo a exoneração do riojano e o seu desterro em Granada. Manteve-se à frente da administração até à sua demissão, em 1763.

ZENÓN DE SOMODEVILLA Y BENGOCHEA (1702-1781).

O marquês de Ensenada foi um estadista e político espanhol. Chegou a ocupar os cargos de secretário da Fazenda, da Guerra e Marinha e das Índias. Para além disso, foi nomeado superintendente-geral das Rendas, lugar-tenente-general do Almirantado, secretário de Estado, notário dos reinos de Espanha e cavaleiro do Tosão de Ouro e da Ordem de Malta. Foi conselheiro de Estado durante os reinados de Filipe V, Fernando VI e Carlos III. Quando Fernando VI ocupou o trono, nomeou-o secretário da rainha. Incentivou a criação da Armada espanhola. A sua gestão à frente da Fazenda espanhola foi muito eficiente, reformando o cadastro e reformulando os anteriores impostos sobre o rendimento em apenas um. Por outro lado, foi o principal ideólogo da Prisão Geral dos Ciganos, em julho de 1746. Trabalhador incansável, aproximou-se do círculo de Farinelli, de quem se tornou amigo e com quem colaborou na construção da esquadra do Tejo. O seu grande objetivo era fortalecer a Marinha, que considerava ser a chave para defender as colónias americanas contra os ingleses. Nisto esteve a origem tanto da sua força como da sua queda, por ocultar ao rei ordens de guerra contra os ingleses em Belize e Campeche.

CARLOS AMBROSIO GAETANO SPÍNOLA DE LA CERDA (1696-

-1757). O marquês de Balbases era filho de Carlos Felipe Spínola, quarto marquês de Sesto, duque de Venafro e de San Severino, e quarto marquês de Balbases, grande de Espanha, e de sua esposa Isabel María de la Cerda y Aragón, da Casa de Medinaceli. Foi também príncipe de Serravalle, cavaleiro da Ordem do Tosão de Ouro, da Ordem de Santiago e da Ordem de São Januário. Desempenhou funções de estribeiro-mor de Isabel de Farnésio e de gentil-homem da câmara de Filipe V de Espanha, que o nomeou embaixador extraordinário em Portugal e grande protonotário do Conselho de Itália.

LUIS IGNACIO FRANCISCO DE BORJA Y CENTELLES (1673-1740).

Nobre e cortesão espanhol que foi o 11.º duque de Gandía, nono marquês de Lombay, 11.º conde de Oliva, terceiro marquês de Nules, conde de Centelles, terceiro marquês de Quirra na Sardenha e príncipe de Esquilache. Em 1722, foi designado gentil-homem do príncipe Luís, cargo que exerceu também durante o tempo em que este foi rei. A partir de 1729, foi *sumiller de corps*, estribeiro-mor do príncipe Fernando e mordomo-mor da sua esposa, a princesa Bárbara de Bragança.